A Geografia ativa

Um legado crítico para a Geografia brasileira

La Geografía activa: Un legado crítico para la Geografía brasileña

Active Geography: A critical legacy for Brazilian Geography

La Géographie active : Un héritage essentiel pour la Géographie brésilienne

Elisa Favaro Verdi

Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/6312>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.6312

ISSN: 2316-7793

Editora

Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Refêrencia eletrónica

Elisa Favaro Verdi, «A Geografia ativa», *Terra Brasilis* [Online], 13 | 2020, posto online no dia 06 novembro 2020, consultado o 05 dezembro 2022. URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/6312> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.6312>

Este documento foi criado de forma automática no dia 5 dezembro 2022.

All rights reserved

A Geografia ativa

Um legado crítico para a Geografia brasileira

La Geografía activa: Un legado crítico para la Geografía brasileña

Active Geography: A critical legacy for Brazilian Geography

La Géographie active : Un héritage essentiel pour la Géographie brésilienne

Elisa Favaro Verdi

Introdução

- 1 Antônio Carlos Robert Moraes afirmou que a crítica à Geografia tradicional empreendida no Brasil durante a década de 1970 é genuinamente brasileira, produto do trabalho de uma nova geração de geógrafos: “Nós – eu, a Fani, o Wanderley – citamos os clássicos diretamente, ou seja, não tem geógrafo que nos oriente. Nós, com a nossa vivência e os fundamentos construímos tanto uma crítica da Geografia tradicional como uma proposição” (Moraes, 2000: 144).
- 2 Essa afirmação sintetiza uma série de reflexões sobre o chamado movimento da Geografia Crítica. Primeiro, que tal movimento de renovação crítica na Geografia brasileira consolidou-se como uma ruptura metodológica em relação à chamada Geografia tradicional, de cunho positivista e historicista, herdada da tradição da Escola Francesa de Geografia. Segundo, que essa ruptura se empreendeu devido às especificidades da realidade brasileira à época de tal movimento – o período compreendido entre as décadas de 1960 e 1980 – referentes ao contexto político do país, que vivia sob os mandos e desmandos de uma ditadura civil-militar. Terceiro, a percepção de que alguns geógrafos se aproximaram do marxismo, escolhendo o materialismo histórico e a dialética como caminhos de interpretação da realidade (Verdi, 2016).
- 3 Em diálogo com Moraes (2000), a ruptura crítica, ou tal movimento de renovação na Geografia, pode ser analisada como uma leitura originalmente dialética da relação entre sociedade e espaço, de modo a transformar os fundamentos da disciplina, redefinir o seu objeto e a sua *démarche* teórica. Essa transformação é resultado do

trabalho de uma geração que traduziu o compromisso social de transformação da realidade em uma reflexão teórica sobre essa realidade. A renovação da Geografia e a luta contra a ditadura constituem, assim, dois momentos dialeticamente relacionados da práxis dos geógrafos que protagonizaram à época esse movimento (Verdi, 2018).

- 4 No entanto, apesar da originalidade mencionada, é essencial refletir sobre os diálogos que essa geração de geógrafos estabeleceu com diversos autores com a intenção de revelar o trânsito de ideias que fundamentou a produção de tal perspectiva crítica e dialética. Esses diálogos apontam para a existência de um desenvolvimento desigual do pensamento geográfico, visto que este é produto das determinações do contexto histórico e do lugar onde está sendo produzido. A perspectiva do desenvolvimento desigual evidencia que há uma relação entre o movimento da realidade e o movimento do pensamento que caminha na superação da dicotomia entre uma perspectiva internalista e outra externalista de interpretação da história do pensamento geográfico (Machado, 2000). A dialética entre movimento da realidade e movimento do pensamento fundamenta-se na relação entre a herança disciplinar – a tradição – e as especificidades do lugar onde está sendo produzida, determinando os caminhos de aproximação da realidade.
- 5 Neste artigo, abordar-se-á a importância do trabalho de Pierre George e da perspectiva da Geografia ativa para a ruptura metodológica empreendida pelos geógrafos brasileiros. Para Carlos (1993), Damiani (2008), Moraes (2005) e Santos (1980), a Geografia de Pierre George é responsável por atribuir um caráter eminentemente social à disciplina e, por isso, caracteriza-se como um marco teórico fundamental do processo de renovação. Assim, este texto se inicia pela apresentação de informações biobibliográficas de Pierre George para em seguida analisar a obra *La Géographie Active* e, finalmente, destacar as principais leituras e diálogos estabelecidos com essa obra no Brasil, entre os geógrafos brasileiros que empreenderam a ruptura crítica.

Pierre George protagonista da Geografia ativa

- 6 Lacoste (2010, 2012) atribui grande importância para a sua carreira de geógrafo à relação intelectual e pessoal que teve com Pierre George, explicitando que tanto a revista *Hérodote* quanto o livro *A Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra* são frutos de uma perspectiva de Geografia ativa concebida por este professor. Lacoste era assistente de Pierre George no Instituto de Geografia no momento em que é elaborada e publicada a obra *La Géographie Active*, que analisaremos neste artigo.
- 7 Pierre George¹ começou a lecionar no Instituto de Geografia da Sorbonne em 1948, já com uma longa experiência como professor de liceu e docente universitário. Bataillon (2006) descreve um professor de fala firme e clara, que integra à sua Geografia Humana a Economia, a Sociologia e a Demografia. Pierre George demonstrava, para o autor, uma grande segurança: o mundo era inteligível e ele sabia como interpretá-lo.
- 8 A interpretação *georgeana* é considerada original em diversos aspectos e para diferentes campos de análise, abrangendo desde uma modificação epistemológica até mudanças na forma de tratamento de determinadas questões nas subdisciplinas da Geografia. Guglielmo (2008) argumenta que a Geografia Humana desenvolvida por Pierre George tem como princípio o estudo das forças produtivas fundamentado na consideração de que o homem é produtor e consumidor, antes de ser um homem habitante. Nos termos de Guglielmo (2008), essa modificação de perspectiva “introduziu uma verdadeira

revolução na Geografia” que até então era produzida. Manzagol e Hamelin (2008) afirmam que outra transformação realizada por George se refere à necessidade da Geografia não se reduzir à simples classificação de diferentes regiões, mas sim de produzir uma “geografia humana geral”. Lacoste (2006) afirma que George produz uma ampliação da escala de análise, enfatizando a importância do plano mundial a fim de compreender os “sistemas econômicos e sociais” referentes ao sistema capitalista e ao sistema socialista.

- 9 Nas diversas áreas da Geografia, portanto, Pierre George introduziu modificações na interpretação de determinados processos. Na análise do processo de industrialização, buscando caracterizar as relações entre espaço e indústria, George ressaltou que esta tornou-se a principal atividade do homem e um elemento essencial na transformação da Geografia Humana. Pierre George insistiu também sobre a importância do desenvolvimento econômico-industrial para definir um espaço geograficamente, seja um Estado ou uma região (Guglielmo, 2008). Nos estudos de Geografia Urbana, Boyer (2008) enfatiza que George produziu a interpretação de que a cidade é o elemento organizador do espaço regional colocando em relevo o conceito de polarização em detrimento da homogeneização das regiões, de acordo com o clássico método *vidaliano* da Escola Francesa de Geografia, passando dos estudos de monografias urbanas para uma análise centrada nas redes urbanas.
- 10 Conforme resalta Vieillard-Baron (2001), Pierre George foi o primeiro geógrafo a utilizar o conceito de *segregação* em artigo de 1950 intitulado *Études de banlieue*, numa perspectiva de denúncia das questões sociais da periferia parisiense. Kayser (1964) destaca que George realizou uma interpretação da Geografia Rural que evidencia as relações econômicas dos efeitos da dinâmica do mercado na chamada agricultura de subsistência. George problematizou os dilemas econômicos da superprodução de alimentos em um mundo de centenas de milhões de famintos e o papel nefasto da especulação no campo. O papel do geógrafo rural seria o de contribuir como especialista de síntese e de convergências geográficas para que a população rural pudesse ter consciência dos problemas agrários e decidir, a partir das contribuições do geógrafo, a melhor forma de resolvê-los. Nas análises sobre a Geografia da População, Pourtier (2008) afirma que Pierre George verificou os limites do conceito de gênero de vida insistindo na indissociabilidade entre a Geografia da população e a Geografia sistemática das forças produtivas. Mesmo em discussões sobre o conceito de técnica e sobre questões ambientais, Dupuy (2008) e Veyret (2008) afirmam a originalidade no tratamento e abordagem da temática.
- 11 Pode-se constatar, analisando a bibliografia de Pierre George, uma vastidão temática dentro das subdisciplinas da ciência geográfica e a construção de um diálogo da Geografia com outras áreas do conhecimento. Constata-se, ainda, uma interpretação ampla de aspectos geográficos em escala mundial nas suas análises dos sistemas econômicos e sociais e na produção de manuais e dicionários de Geografia. Em tal imensidão bibliográfica, verificamos que Pierre George acentuou as interações das relações sociais e espaciais a partir do que ele considerou como uma Geografia “sociológica”, buscando o estudo diferencial da diversidade dos fatos sociais e das combinações sociais do mundo em obras como *Une géographie sociale du monde* (1946), *Panorama du monde actuel* (1963), *Sociologie et Géographie* (1966), *Sociétés en mutation* (1980) e *Géographie des inégalités* (1981).

- 12 O autor debruçou-se também em análises específicas sobre o campo em *Géographie agricole du monde* (1946) e *La campagne, le fait rural à travers le monde* (1956); sobre a cidade em *La ville, le fait urbain à travers le monde* (1952); sobre a indústria em *Géographie industrielle du monde* (1947) e *L'ère des techniques: constructions ou destructions?* (1974); sobre a Geografia da População em *Introduction à l'étude géographique de la population du monde* (1951), *Études sur les migrations de population* (1952), *Population et peuplement* (1969), *Les migrations internationales* (1976); *Populations actives, introduction à une géographie du travail* (1978) e *Géopolitique des minorités* (1984); sobre a Geografia Econômica em *Les grands marchés du monde* (1952) e *Géographie de la consommation* (1963).
- 13 Pierre George também produziu diversos manuais das subdisciplinas, tais como *Précis de géographie économique* (1956), *Précis de géographie urbaine* (1961), *Précis de géographie rurale* (1963) e *Géographie de la population* (1965); além de um dicionário, o *Dictionnaire de la géographie* (1970), atualizado em 2006 por Fernand Verger. No campo da epistemologia da Geografia, destacam-se *La Géographie Active* (1964), *L'action humaine: étude géographique* (1968), *L'illusion quantitative en géographie* (1972) e *À propos de la «géographie active». Réflexion sur la responsabilité des géographes* (1982).
- 14 Pierre George realizou diversas análises regionais, particularmente sobre a França, em *La région du Bas-Rhône, étude de géographie régionale* (1935), *Géographie économique et sociale de la France* (1938), *Les Pays de la Saône et du Rhône* (1941) e *À la découverte du pays de France: La Nature et les Travaux des Hommes* (1946). O Leste europeu e a Europa Central também foram tema de sua reflexão em *Le problème allemand en Tchécoslovaquie (1919-1946)* (1947), *L'économie de l'Europe centrale slave et danubienne* (1949) e *L'Europe centrale* (1954). George também dissertou sobre o Canadá em *La géographie du Canada* (1986) e especialmente sobre a região de Quebec em *Le Québec* (1979). A União Soviética foi particularmente objeto de reflexões de Pierre George em *L'Économie de l'U.R.S.S. – “Que sais-je ?”* (1945), *L' U.R.S.S.* (1947) e *Géographie de l'U.R.S.S. – “Que sais-je ?”* (1963).
- 15 Além dessa extensa gama de publicações,² Pierre George também acumulou diversos cargos universitários e acadêmicos ao longo de sua carreira: 1) diretor do Instituto de Geografia da Sorbonne e da Biblioteca Geográfica Internacional;³ 2) presidente da seção de Geografia do Comitê de Trabalhos Científicos e Históricos; 3) diretor do comitê editorial dos *Annales de Géographie*; 4) membro da diretoria da *Presses Universitaires de France* (Lacoste, 2006; Di Méo, 2008; Joly, 2013; Pedrosa, 2013).
- 16 Segundo Escolar e Moraes (1989), durante as décadas de 1940 e 1950 houve um processo de aproximação de alguns geógrafos franceses ao marxismo, dentre eles: Jean Tricart,⁴ Jean Dresch⁵ e Pierre George. Essa aproximação deu-se por uma via essencialmente prática, ou seja, na busca de uma inserção das formações acadêmicas e do conhecimento geográfico na atividade partidária. Pierre George foi membro do Comitê de intelectuais antifascistas e do Partido Comunista Francês (PCF), ao qual se filiou em 1936 (Pailhé, 1981),⁶ que possuía, na sua estrutura organizacional, diversas células de especialização profissional – uma delas, de Geografia. A atividade atribuída aos geógrafos dessa célula se resumia a um trabalho de assessoria empírica para a direção do partido, fundamentalmente o fortalecimento da informação referente às distintas regiões francesas. A aproximação dos geógrafos ao marxismo, portanto, foi fruto de uma demanda prática, e não do esclarecimento teórico desses geógrafos (Escolar e Moraes, 1989; Pailhé, 1981).
- 17 Apesar da sua filiação ao PCF e prática político-partidária, a Geografia de Pierre George não era, efetivamente, uma Geografia marxista. De acordo com Escolar e Moraes (1989),

Pierre George filia-se à Escola Francesa de Geografia e produz uma radicalização dos pressupostos da reflexão possibilista ao empreender uma Geografia essencialmente empirista, que raramente explicita os seus pressupostos epistemológicos e metodológicos. Para os autores, Pierre George mantém a análise dos quadros regionais fechados, procedimento clássico da Escola Francesa de Geografia, porém incorporando a estes quadros um aprofundamento da discussão econômica: “A geografia humana de Pierre George é, em seu núcleo teórico, essencialmente uma geografia econômica.” (Escolar e Moraes, 1989: 179). O econômico em Pierre George seria, para Escolar e Moraes (1989) e Oliveira (1977), um campo explicativo autônomo que possui primazia sobre a estruturação das demais instâncias da vida social – o político, o sociológico e o cultural. Essa característica seria fruto da influência marxista que, inserida na sua postura acrítica em relação à Geografia francesa, produz uma Geografia de postura militante em um contexto de uma ciência apolítica (Escolar e Moraes, 1989).

- 18 Para Pailhé (1981), Pierre George sintetiza um distanciamento característico dos geógrafos franceses marxistas: o distanciamento entre a prática geográfica e a postura política. Haveria, na obra de Pierre George, uma tentativa de conciliação entre o possibilismo e o marxismo nas diversas menções à ação humana sobre as condições naturais – o meio físico seria concebido, assim, como potencial para as forças produtivas. Dessa forma, as relações sociais tornar-se-iam elemento determinante da estruturação do meio físico.
- 19 Bataillon (2006) considera que a obra *La Géographie Active* (George et al., 1964) evidencia uma abordagem positivista do marxismo, que compreende o planejamento territorial – especialmente regional – como ação racionalizada, cabendo à uma Geografia Humana ativa o papel de racionalizar a intervenção. Partimos agora para a análise da mencionada obra com o objetivo de compreender justamente o papel da ação do geógrafo no planejamento.

A construção do compromisso social e científico da Geografia Ativa

- 20 Publicada em 1964, a obra *La Géographie Active*, coordenada por Pierre George, foi um trabalho conjunto do geógrafo com os colegas e alunos Yves Lacoste, Raymond Guglielmo⁷ e Bernard Kayser.⁸ Segundo Bataillon (2006), não se trata de uma obra coletiva, fundamentada em discussões empreendidas com igualdade entre os autores. O trabalho teria sido inteiramente concebido por Pierre George, o qual distribuiu tarefas e temas entre os colaboradores e organizou a exposição dos textos. Entretanto, Bataillon (2006) considera que há uma coerência entre todas as partes da obra e das concepções de mundo e de sociedade desenvolvidas por seus autores, conferindo à *La Géographie Active* um aspecto inovador para a ciência geográfica na época.
- 21 A obra se divide em quatro partes, sendo a primeira escrita por George, a segunda por Lacoste, a terceira por George e Guglielmo e a quarta e última por George e Kayser. O objetivo do texto era se opor a uma determinada concepção de Geografia aplicada, conduzida em função de objetivos econômicos, sociais e urbanísticos que buscam soluções técnicas a partir de dados geográficos, propondo não a inércia da ciência, ou sua paralisia política, mas sim o comprometimento social e científico do geógrafo frente aos problemas do presente (Lacoste, 1976). Segundo Lacoste (2010: 76-77), é nessa obra

que Pierre George sistematiza, pela primeira vez, o objeto e os métodos da Geografia, destacando a importância do estudo das *situações*:

Foi implicitamente contra essa moda da 'geografia aplicada' que Pierre George escreveu sua 'geografia ativa', apresentando em cerca de quarenta páginas o que não havia sido feito até então: o objeto e os métodos da geografia, considerada como um saber global que combina tudo o que na história, nas ciências naturais e nas ciências humanas forma a superfície terrestre. Ele destacava que o verdadeiro objeto da geografia é o estudo das situações – do ponto de vista 'físico e humano' –, dentro de uma *démarche* prospectiva.⁹

- 22 Na primeira parte do livro, de caráter explicitamente metodológico, George (1964) desenvolve a hipótese de que o progresso da Geografia tem acompanhado o processo de descoberta da Terra. Uma etapa dos relatos de viagem e expedições marítimas foi responsável pela elaboração dos primeiros mapas e pela descrição detalhada do planeta. A partir de tais descrições teria surgido a pesquisa em Geografia, a qual, nesse momento, analisava situações de causalidade para a formulação de leis geográficas. Para George (1964), a elaboração de leis geográficas sobre as relações complexas entre os dados físicos e as formas de organização da vida humana dá origem ao determinismo.
- 23 Durante meio século, a Escola Francesa de Geografia teria buscado o seu lugar, segundo o autor, entre o determinismo geográfico e a teoria do acaso histórico. O trabalho de Paul Vidal de La Blache representaria a consolidação da segunda perspectiva, já que utiliza a interpretação das relações entre a natureza e a história para compreender as combinações econômicas e sociais do presente. Isso se empreendeu, diferentemente do determinismo, sem a elaboração de leis geográficas. Para George (1964), a intenção da obra de Vidal é explicativa, pois propõe hipóteses interpretativas utilizando-se de argumentos históricos em relação aos dados observados empiricamente.
- 24 George (1964) percebe, portanto, essa perspectiva da Escola Francesa de Geografia como estritamente explicativa, diferente tanto de um determinismo geográfico quanto de uma Geografia utilitária, aplicada, que serve a diversas finalidades determinadas por argumentos pseudocientíficos. A Geografia aplicada teria extinguido a originalidade e a singularidade, ou mesmo a essência, da Geografia. O geógrafo deixa de responder à sua própria definição – ser o homem da síntese – e passa a realizar apenas um trabalho técnico, apropriado por agentes de execução. O autor, assim, explicita a existência de uma dualidade entre uma Geografia sem compromisso utilitário, desinteressada e explicativa; e uma Geografia prática que se coloca à serviço de aparelhos militares e econômicos de dominação dos territórios.
- 25 George (1964: 10-11) destaca o caráter de ciência humana da Geografia frente à sua vertente aplicada:

O espaço terrestre é objeto de estudo geográfico na medida em que é, sob qualquer forma, um meio de vida ou uma fonte de vida, ou uma passagem indispensável para se atingir um meio de vida ou uma fonte de vida. Dessa definição decorrem as características específicas da pesquisa geográfica. Ela deixa para as ciências da natureza o estudo físico da matéria, a sistemática e a biologia dos organismos vivos na medida em que estes estudos se fixam no conhecimento estrito da matéria, das plantas e dos animais. Ela se reserva, ao contrário, a descoberta e a interpretação de todas as *relações* que contribuem para a constituição de um complexo ou de um equilíbrio entre a dinâmica e a inércia de um meio, a dinâmica e a inércia das coletividades humanas residentes nesse meio onde se aplicam as suas iniciativas. (...) A geografia aparece assim como uma ciência do espaço em função daquilo que

oferece ou traz para os homens, e como uma ciência da conjuntura e do culminar das sucessões de conjunturas.

- 26 A Geografia fica, portanto, definida como uma ciência do espaço. No entanto, seus métodos são diferentes daqueles das ciências *naturais* do espaço. A Geografia recorre aos métodos dessas ciências adaptando-os às suas necessidades específicas, ou seja, visando reconhecer os fenômenos sempre em relação uns aos outros, e não apenas em si mesmos. Sendo mais sintética do que as outras ciências do espaço, a Geografia é o resultado e o prolongamento da História: a história das técnicas fornece a chave de entendimento das modificações das relações entre as coletividades humanas e o meio. Essa história revela o desenvolvimento desigual das técnicas ao redor do mundo e, no caso dos países subdesenvolvidos, permite compreender como aquele lugar passou de uma situação de atraso para outra de subdesenvolvimento. O geógrafo, assim, se torna um historiador do presente, utilizando os recursos e materiais semelhantes àqueles do historiador, mas analisando a situação atual (George, 1964).
- 27 O objeto da aplicação dos métodos geográficos é o conhecimento das *situações*, conceito definido por George (1964: 17-18) como:
- (...) o resultado, em um determinado momento – que é por definição o momento presente em geografia – de um conjunto de ações que se opõem, que se moderam, ou que se reforçam e subsistem aos efeitos de aceleração, de frenagem ou de inibição de parte dos elementos duráveis do meio e das sequelas das situações anteriores. Essa situação é fundamentalmente caracterizada pela totalidade de dados e fatores específicos de uma porção do espaço que é (...) um espaço planejado, uma herança, quer dizer, um espaço natural humanizado.
- 28 Esse espaço humanizado se definiria como espaço geográfico quando modelado em função das técnicas, das estruturas econômicas e sociais e dos sistemas de relação, tornando-se ele mesmo uma *situação*. O estudo de uma situação pode proceder de uma concepção comparativa ou de uma concepção ativa: no primeiro caso, trata-se da pesquisa da explicação, ou por um processo de análise de todos os fatores da situação, ou por um processo de descrição e medida dos mecanismos de cada um dos fatores. O resultado é uma qualificação da situação através do método comparativo, constituindo uma análise das relações e uma descrição dos dados da produção, do consumo e suas relações, cujo conhecimento pode contribuir para uma administração racional do espaço ou para a delimitação de regiões. Já o segundo caso seria a orientação de pesquisa que conduz para uma Geografia ativa, resultado das circunstâncias, da extrema mobilidade das situações atuais. Nas palavras de George (1964: 25): “O objeto da geografia ativa é perceber as tendências e as perspectivas de evolução em curto prazo, medir em intensidade e em projeção espacial as relações entre as tendências de desenvolvimento e seus antagonistas, definir e avaliar a eficácia dos freios e dos obstáculos”.
- 29 Assim, seria através da perspectiva da Geografia ativa e da atitude sintética que os geógrafos superariam os métodos analíticos estritamente especializados, referentes às disciplinas específicas. Para George (1964), o geógrafo é aquele que possui os ensinamentos e conhecimentos necessários para a concepção global dos conjuntos e das relações, sendo, portanto, o agente da coordenação entre as técnicas, os conhecimentos especializados e a política. Nesse trajeto da síntese, o autor define a problemática da Geografia:
- O problema específico da geografia é estudar, no interior de um espaço definido, todas as relações de causalidade entre os fenômenos de consumo no sentido mais

amplo do termo (...) e os fenômenos de produção, de determinação dos grupos homogêneos de evolução sincrônica e correlativa, os isolando dos simples traços de coincidências circunstanciais, e fazer aparecer as contradições e as sobrevivências inibidoras. (George, 1964: 27-28)

- 30 O estudo das relações orgânicas entre os diversos elementos da produção e do consumo e a sua projeção sobre o espaço permitiria definir os mecanismos e os procedimentos da regulação desses elementos. Caberia à Geografia, dessa maneira, estabelecer a relação entre produção e consumo para explicar o crescimento das necessidades dos grupos humanos e as formas de satisfação dessas necessidades em diferentes lugares do mundo. Esse tipo de análise diferencial é, para George (1964), essencialmente geográfico, pois analisa diversos dados em muitas escalas diferentes e verifica a relação entre as modificações quantitativas e qualitativas de um mesmo elemento ou dado da realidade.
- 31 Para o autor, um dos primeiros objetivos da Geografia regional seria definir e delimitar as regiões, partindo do princípio de que toda ação humana ocorre em um quadro material bem definido e delimitado. Todo recorte regional corresponderia a um equilíbrio de forças, presente ou passado, que se exprimiria através de uma hierarquia de regiões. Visto que nenhuma região é um meio fechado, o geógrafo poderia mesmo definir as necessidades, as possibilidades e as opções da vida de relações: a região, antes delimitada, fica guiada pela consideração da conjuntura de relações. Nesse processo, a Geografia regional torna-se ativa:
- Partindo da noção dinâmica de situação, que consiste em definir uma região como um conjunto de ações de intensidades variáveis suscetíveis de contribuir com diversas formas de equilíbrio, fica fácil definir a função, aqui absolutamente decisiva e insubstituível, do geógrafo. Este é o cientista melhor colocado para diagnosticar, em cada momento de uma evolução complexa, o papel de cada fator, a finalidade e a intensidade de cada ação, e para indicar os remédios, ou seja, os meios de intervenção para desbloquear um freio, deslocar ou abater um obstáculo, liberar um processo evolutivo, bloquear um processo destrutivo. Fica evidente que, se ele [o geógrafo] tem a responsabilidade do diagnóstico, se ele compartilha a posologia com os representantes das ciências econômicas e sociais, não lhe pertence a tomada de decisão e a aplicação das soluções, e isso quanto mais recorrentemente uma situação atual apresente diversas virtualidades de evolução de acordo com as diferentes influências em seus mecanismos. Uma escolha se impõe frente a cada situação. Essa escolha comporta certas vantagens, o sacrifício de certos privilégios. Ela é portanto política. Aqui se encontra a linha de demarcação entre a geografia ativa e perspectiva e a ação administrativa. Mas um não seria válido sem o outro. (George, 1964: 33-34)
- 32 Para George (1964), a responsabilidade social e científica do geógrafo no século XX provém da urgência e da importância das necessidades que resultam da revolução demográfica. A pressão brutal do crescimento demográfico em todo o mundo evidenciaria as fissuras das construções teóricas elaboradas no decorrer do século XIX e exigiria a elaboração de novos planos, de novas teorias – entre elas, a Geografia ativa. É nesse contexto que se desenvolvem as três partes seguintes do livro, sobre os países subdesenvolvidos (Lacoste, 1964), os países industrializados (George e Guglielmo, 1964) e a região como objeto de estudo e de intervenção (George e Kayser, 1964).
- 33 Lacoste (1964) inicia sua reflexão explicitando que os países subdesenvolvidos seriam a evidência de que os elementos da análise geográfica variam de acordo com cada situação, com cada lugar do ecúmeno.¹⁰ Se antes a explicação geográfica estava baseada nos gêneros de vida, conjuntos de adaptações coerentes e estáveis aos meios naturais, a

civilização moderna acelerou um processo de desvanecimento dessa estabilidade, transformando todas as relações.

(...) a partir do impulso dado por Vidal de La Blache, a geografia francesa se prendeu à análise das combinações relativamente harmoniosas e equilibradas que foram progressivamente realizadas na Europa ocidental, entre as estruturas econômicas e sociais e o meio geográfico organizado pelos homens. (...) O subdesenvolvimento é uma combinação catastrófica, um conjunto de distorções e de círculos viciosos, um imbricamento de desequilíbrios, uma gama de diversas características submetidas à uma evolução acelerada. (Lacoste, 1964: 47-48)

- 34 Para compreender o subdesenvolvimento, Lacoste (1964) propõe que a Geografia considere e analise as diferenças sociais e econômicas entre o desenvolvimento e o subdesenvolvimento, buscando as explicações relacionais das situações específicas de cada país subdesenvolvido. Segundo o autor, a Geografia foi, durante toda a primeira metade do século XX, uma ciência da observação e da explicação das combinações entre as condições naturais, a herança da história e a ação dos homens. A Geografia ativa, no entanto, poderia superar esse estado contemplativo da ciência e contribuir na organização de combinações geográficas novas que levem ao desenvolvimento do terceiro mundo ou à transformação das situações de subdesenvolvimento. Compreende-se que essa reflexão de Lacoste (1964) é complementar àquela publicada pela primeira vez em 1959, em *Les pays sous-développés*: permanece o entendimento de que o subdesenvolvimento deve ser compreendido em relação ao desenvolvimento, seu par complementar (Verdi, 2017). Entretanto, nota-se que há uma diferença fundamental entre os dois textos, qual seja, a incorporação de uma perspectiva de ação do geógrafo frente à situação de subdesenvolvimento. A Geografia ativa, assim, para Lacoste (1964), significa também a possibilidade de uma intervenção por meio do planejamento, visando transformar as condições do subdesenvolvimento.
- 35 George e Guglielmo (1964), na terceira parte do livro, abordam diretamente a possibilidade do planejamento a partir da questão da concentração industrial, discutindo os problemas da distribuição desigual dos diferentes setores da indústria nos países desenvolvidos e constatando que os desequilíbrios regionais e a concentração industrial transformam e degradam as condições de habitat e de vida da população do local. A associação, característica do século XX, entre concentração industrial e aglomeração urbana seria, para os autores, uma das questões que se colocam para o planejamento regional.
- 36 George e Guglielmo (1964) identificam um problema de concentração industrial na França, constatação que constitui o ponto de partida da sua reflexão sobre a necessidade de um planejamento regional. Toda localização industrial seria, para os autores, fruto da combinação de dois fatores: disponibilidade de energia e matéria prima e dinamismo demográfico. Qualquer intervenção que vise racionalizar a distribuição geográfica das indústrias deveria consistir em modificar a maneira como esses fatores se combinam, favorecendo alguns aspectos em detrimento de outros e promovendo um equilíbrio no desenvolvimento regional.
- 37 George e Guglielmo (1964), portanto, atribuem um papel primordial à Geografia, pois consideram que cabe a esta disciplina a elaboração de um projeto político que vise a distribuição racional da atividade industrial. Através do estudo comparativo de diversos casos concretos, chega-se à evolução histórica do processo de concentração industrial, movimento que permitiria analisar tendências e assim organizar um desenvolvimento regional mais harmonioso.

- 38 Já na quarta e última parte do livro, George e Kayser (1964) empreendem uma análise da divisão regional da França para demonstrar a necessidade de se redefinir o conceito de região. Os autores assim definem a região pelo seu caráter concreto e pela sua relatividade histórica: a coesão espacial de uma região dar-se-ia pelas relações entre os habitantes daquela região, os quais criam uma organização econômica e social específica. Toda região se organizaria em torno de um centro e se relacionaria em um conjunto nacional, ou seja, com outras regiões. Caberia ao geógrafo, assim, analisar e planejar o desenvolvimento regional tendo em vista a vida de relações de cada conjunto homogêneo. Para os autores,
- ‘Porção do espaço terrestre’, qualquer que seja a forma considerada e a utilidade atribuída, a região é em todos os casos um fenômeno geográfico. O geógrafo a pode definir, explicar, é tentado a delimitar. Nessas démarches, ele é ativo, tecnicamente indispensável, socialmente útil; ele assume com máxima plenitude e fidelidade a vocação fundamental da ciência. (George e Kayser, 1964: 303)
- 39 Percebemos que essa concepção de região se reflete no trabalho de Petrone (1972), especialmente no seu projeto de pesquisa empreendido no Instituto de Geografia da USP sobre a organização regional do estado de São Paulo. Petrone (1972) preocupa-se em identificar a organização do espaço do estado de São Paulo a partir do seu quadro regional e propõe que isso seja realizado pelo estudo da dinâmica regional do estado. Assim como George e Kayser (1964), Petrone (1972) compreende que toda região deve ser entendida através do seu centro, que é sempre um núcleo urbano, e das suas relações com as outras regiões. A dinâmica populacional e as atividades econômicas definem a homogeneidade característica de uma região, que, no entanto, é analisada pela sua vida de relações com as outras regiões. Entretanto, diferentemente dos geógrafos franceses, Petrone (1972) não propõe a intervenção do geógrafo no planejamento do desenvolvimento regional. Com isso, a nosso ver, o geógrafo brasileiro revela que incorpora a metodologia de investigação da Geografia ativa sem assimilar a sua prática, ou seja, a própria ação.

A Geografia ativa na Universidade de São Paulo

- 40 A obra de Pierre George é referência recorrente nas dissertações e teses defendidas no Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo. Dos 218 trabalhos defendidos entre 1964 e 1985, 96 citam no mínimo uma obra do geógrafo francês. A variedade das obras citadas é coerente com a sua extensão: *Précis de géographie économique*; *Précis de géographie rurale*; *La campagne*; *Précis de géographie urbaine*, *L’action humaine*; *Les méthodes de la géographie*; *Aire métropolitaine, conurbation ou région industrielle? Le cas de São Paulo*; *La Géographie Active* (todos com versões em francês e português); *Géographie et Histoire*; *La ville, le fait urbain a travers le monde* e *Dictionnaire de Géographie* (apenas em edições francesas); e *Conferências no Brasil e Geografia e Sociologia* (publicado apenas em português). A obra de Pierre George está presente em dissertações e teses durante todo o período analisado e, com exceção de 1965 e 1966, ao menos um trabalho por ano contém citações ao autor. Dentre os 40 trabalhos orientados por Pasquale Petrone – o professor que mais orientou teses e dissertações no Departamento de Geografia da USP nesse período –, 28 citam o geógrafo francês e o tomam como referência, além da sua própria tese de livre-docência (Verdi, 2016).

- 41 Pierre George também esteve na USP ministrando aulas no Instituto de Geografia em abril e maio de 1968.¹¹ Nesse curso, o geógrafo orientou uma pesquisa sobre a área metropolitana da cidade de São Paulo, a partir da qual produziu o texto *Aire metropolitaine, conurbation ou région industrielle? Le cas de São Paulo*, que foi apresentado em seminário do CNRS (*Centre Nationale de la Recherche Scientifique*) em 1969, na França. O trabalho de Pierre George se constitui, portanto, como uma referência metodológica na produção do Departamento de Geografia da USP.
- 42 Para Carlos (1993), Moraes (2005) e Santos (1980), a Geografia de Pierre George é responsável por atribuir um caráter eminentemente social à disciplina e por esboçar a importância do econômico para o entendimento das relações entre sociedade e espaço. De acordo com Carlos (1993), Pierre George foi o primeiro a constatar a extrema mobilidade das situações atuais, conduzindo a um estudo ativo capaz de guiar as ações do planejamento. Já Moraes (2005) considera que a proposta da Geografia ativa “(...) era a de executar um tipo de análise que colocasse a descoberto as contradições do modo de produção capitalista, nos vários quadros regionais. Ensejava assim uma Geografia de denúncia de realidades espaciais injustas e contraditórias” (Moraes, 2005: 124).
- 43 Explicando as regiões não apenas pela sua forma e funcionalidade, mas também através das contradições sociais nelas presentes, George (1964) teria desenvolvido a ideia do espaço como base da vida social e assim organizado de acordo com as atividades econômicas. Ao introduzir pioneiramente alguns conceitos marxistas na discussão geográfica, o autor teria empreendido uma conciliação entre a análise regional e o instrumental conceitual do materialismo histórico, discutindo as relações de produção, de trabalho e as forças produtivas em suas manifestações regionais. Com tal procedimento, Moraes (2005: 124) defende que Pierre George e seus estudos “(...) tiveram um papel significativo, pois abriram novos horizontes para os geógrafos, ao apontarem uma perspectiva de engajamento social, de atuação crítica”.
- 44 Justamente sobre a relação de Pierre George com o marxismo, Santos (1980) argumenta que mesmo fiel à tradição da Geografia Humana francesa, o geógrafo conseguiu estabelecer pioneiramente a importância das estruturas socioeconômicas na explicação geográfica. Algumas de suas obras, especialmente sobre Geografia da população e Geografia urbana, possuem uma abordagem social que abarca a dinâmica dos sistemas socioeconômicos com as estruturas da produção. Na mesma direção, Pailhé (1981) considera que Pierre George inseriu na Escola Francesa de Geografia, a partir das suas posições marxistas, as bases para o desenvolvimento de determinadas subáreas da disciplina, tais como Geografia da população, Geografia social e Geografia urbana.
- 45 A partir dos estudos urbanos de Pierre George, Damiani (2012) percebe uma perspectiva crítica claramente desenhada, visto que o autor defende a introdução de elementos de sociologia urbana na perspectiva geográfica ao compreender que as relações sociais são determinantes da estrutura dos meios urbanos. Analisando a obra *Geografia Urbana* do geógrafo francês, Damiani (2008) identifica a superação da tradição de se pensar o meio geográfico e suas diferenciações à luz das orientações da Escola Francesa de Geografia, especialmente daquelas ligadas ao conceito de gênero de vida. O uso da noção de divisão social do trabalho, centrando o debate sobre o desenvolvimento das atividades produtivas e sua organização espacial, significou o reconhecimento das abstrações concretas características do mundo moderno. O trajeto teórico desse reconhecimento seria a superação, também, de uma concepção absoluta de espaço:

Neste livro, Pierre George, mesmo de modo não pensado plena e conceitualmente, exercita a metamorfose do espaço absoluto em espaço relativo. Ele se divide nesses dois pertencimentos da Geografia: a Geografia tradicional, antropológica, e a Geografia contemporânea, que deve conter uma concepção social da historicidade e da espacialidade modernas. (Damiani, 2008: 168)

- 46 Um dos momentos de tal superação seria a consideração da complexidade das formas econômicas de meados do século XX, quando George identifica a realização do ser humano não como habitante das cidades, mas como produtor e consumidor. Ao analisar a cidade como um organismo urbano, o autor incorpora a perspectiva da cidade como obra humana, transformando fundamentalmente os termos da relação entre o homem e a natureza. Nesse trajeto, George realiza um importante movimento de interpretação da relação entre os processos econômicos e suas consequências geográficas:

Aqui um movimento importante no texto é aquele de introduzir os modernos processos econômicos e as configurações geográficas resultantes e pressupostos dos mesmos processos (...). Assim, as repartições geográficas chegam à regionalização dos países desenvolvidos e subdesenvolvidos, como momentos necessários do moderno processo de desenvolvimento econômico. (Damiani, 2008: 165)

- 47 Ainda sobre a relação entre os processos econômicos e suas consequências geográficas, George formula uma tese sobre o desenvolvimento das cidades que Damiani (2008) define como *crítica*: o crescimento das cidades, cujo motor é a industrialização, conduz à impossibilidade de habitar a própria cidade enquanto um projeto coletivo, visto que esta está sob égide da economia. Assim, preservando uma perspectiva de organicidade da cidade ao utilizar instrumentos conceituais ambíguos, George anuncia os limites do urbano na sociedade capitalista moderna ao anunciar simultaneamente os limites das concepções geográficas sobre a relação entre o homem e a natureza. Portanto, para Damiani (2008: 182), “[Pierre George] enaltece os condicionantes naturais, como significativos à Geografia Humana; se desfaz deles, através do que seria o meio geográfico produzido, como identidade do progresso dos conhecimentos e das práticas humanas e sociais, civilizatórias”.
- 48 A Geografia de Pierre George e de seus contemporâneos franceses foi, portanto, uma nova influência desta escola nacional no Brasil entre as décadas de 1960 e 1980, sendo a concepção de organização do espaço basilar para a formação dos geógrafos brasileiros naquele momento. Damiani (2008, 2012) considera que a busca de Pierre George por uma concepção de totalidade dos processos geográficos demonstra uma busca pelo movimento dos processos sociais, redefinindo, portanto, a Geografia como uma ciência das transformações, do movimento, e não das permanências, como aquela de Vidal de La Blache.
- 49 Assim, a obra de Pierre George evidencia uma mudança interna fundamental à Escola Francesa de Geografia: na primeira metade do século XX, e graças à obra e ao legado de Paul Vidal de La Blache, a Geografia se desenvolveu descrevendo e explicando os dados estáveis da paisagem – as permanências. De forma pioneira nesta escola, portanto, a proposta da Geografia ativa identifica que a realidade está em movimento e que apenas uma ciência em movimento seria capaz de explicá-la.
- 50 Portanto, conclui-se que a proposta da Geografia ativa, sistematizada na obra anteriormente analisada, revela um duplo movimento da Escola Francesa de Geografia: por um lado, um afastamento crítico da perspectiva *vidaliana*, identificando na descrição e na explicação das permanências uma insuficiência analítica; e por outro lado, a incorporação de conceitos novos que demonstram a importância conferida aos

aspectos socioeconômicos da realidade e as suas consequências espaciais. Dessa forma, a obra de Pierre George pode ser considerada como pioneira por, simultaneamente, distanciar-se da perspectiva *vidaliana* e aproximar-se da crítica social, refletindo sobre o papel político da ciência e dos geógrafos.

A Geografia crítica como superação da Geografia ativa

- 51 Conforme indicado anteriormente, Pierre George utilizou, de maneira pioneira, alguns conceitos marxistas na discussão geográfica, inaugurando uma conciliação entre a análise regional e o instrumental conceitual do materialismo histórico, discutindo as relações de produção e trabalho e as forças produtivas em suas manifestações regionais. Com tal procedimento, Moraes (2005) e Damiani (2008) identificam os passos iniciais da superação da tradição regional da Escola Francesa de Geografia. A centralidade dada por Pierre George à noção de divisão social do trabalho, ao invés do conceito de gênero de vida, direciona o debate para a questão do desenvolvimento das atividades produtivas e sua organização espacial, ou seja, para o reconhecimento das abstrações concretas características do mundo moderno.
- 52 Entretanto, tal superação primeiramente indicada por Pierre George realiza-se plenamente na Geografia brasileira após o processo de ruptura crítica ocorrido entre as décadas de 1960 e 1980 (Verdi, 2016). O processo de renovação da Geografia, no Brasil, redefiniu a problemática da ciência ao deslocar o ponto de partida metodológico da investigação do lugar para o processo social. Dialeticamente, esse deslocamento não diminuiu a importância da análise do fragmento espacial, mas reconstruiu o seu conteúdo afirmando a indissociabilidade entre sociedade e espaço a partir do entendimento da produção social do espaço.
- 53 Em suma, argumenta-se que a preocupação dos geógrafos brasileiros no momento da renovação centrou-se na explicação da realidade nacional (Moraes, 2000; Porto-Gonçalves, 2000), o que exigia a construção de outro instrumental teórico e metodológico para a disciplina (Oliveira, 1982). Nesse processo, a análise espacial de cunho materialista trilhou o caminho do desvendamento das contradições da sociedade brasileira. Consequente e dialeticamente, transformou-se também a Geografia como disciplina. O materialismo histórico e dialético é o caminho que revela as contradições, as quais determinam o movimento da história e as relações sociais. Uma sociedade de classes, desigual, produz um espaço desigual, preenche das contradições do modo de produção capitalista. Para desvendar essas contradições foi necessário criar outras bases e fundamentos para a própria ciência. Não bastaria aplicar a Geografia – tradicional ou mesmo a ativa – com outro objetivo, era importante produzir outra Geografia – a crítica.
- 54 Essa outra Geografia é fruto da preocupação com o desvendamento dos mecanismos de produção e reprodução do capitalismo como processos totalizantes, os quais se realizam espacialmente. Tal preocupação, no movimento da renovação, deslocou a questão central da Geografia de uma interpretação das relações entre o homem e a natureza ou entre a sociedade e o espaço para consolidar como sua problemática particular o papel do espaço na reprodução do capital. A análise do lugar, consequentemente, muda radicalmente de conteúdo, deixando de ser um objetivo em si para ser a síntese de múltiplas determinações. Realiza-se, com isso, mais um movimento da ruptura metodológica (Verdi 2016, 2018).

- 55 Para concluir, cabe enfatizar que a crítica da Geografia se construiu sobre o desejo e a necessidade de explicar a realização espacial do modo de produção capitalista. Essa crítica revelou que as contradições movem a realidade e que, por isso, deveriam mover também a pesquisa e investigação científicas. Assim, o desvendamento dessas contradições tem um duplo caráter: de um lado, é um procedimento de pesquisa de uma perspectiva de interpretação do real; de outro, e simultaneamente, é um compromisso social, pois o pesquisador se vê como sujeito da sociedade contraditória. Portanto, o geógrafo crítico sintetiza a dialética entre a teoria e a prática: trata-se, fundamentalmente, da práxis.
-

BIBLIOGRAFIA

- Bataillon, Claude (2006). "Six géographes en quête d'engagement: du communisme à l'aménagement du territoire. Essai sur une generation". *Cybergeo: European Journal of Geography* [Online]. Disponível em: <http://cybergeo.revues.org/1739>.
- Berdoulay, Vincent (2008). *La formation de l'école française de géographie (1870-1914)*. Paris: Éditions du CTHS.
- Boyer, Jean-Claude (2008). "Pierre George et la géographie régionale". *Annales de géographie*, Pierre George (1909-2006): un géographe témoin de son temps. Hommage des Annales de Géographie, v. 1, n. 659, pp. 12-14.
- Cardoso, Teresa (2003). "Homenagem a Jean Tricart (1920-2003)". *Revista Brasileira de Geomorfologia*, Uberlândia, ano 4, n. 2, pp.101-102.
- Carlos, Ana Fani Alessandri (1993). "Os caminhos da geografia humana no Brasil". *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 71, pp. 129-142.
- Clerc, Pascal. (2011). "Tous colonialistes? Les géographes français et l'idéologie coloniale". Comunicação no Colóquio *Quand l'injustice crée le droit: le procès des insurgés de Cayenne à Nantes en 1931*. Archives départementales de Loire-Atlantique, 14 e 15 de abril, 2011.
- Costa, Mônica Hallak Martins da (2009). "Algumas reflexões acerca da categoria da alienação no marxismo francês entre o final da segunda guerra e os anos 60". *Cadernos Cemarx*, v. 5, p. 77-88.
- Damiani, Amélia Luisa (2012). "Introdução a elementos da obra de Henri Lefebvre e a Geografia". *Revista do Departamento de Geografia - USP*, volume especial 30 Anos, pp. 254-283.
- Damiani, Amélia Luisa (2008). *Espaço e Geografia: observações de método. Elementos da obra de Henri Lefebvre e a Geografia. Ensaio sobre Geografia Urbana a partir da Metrópole de São Paulo*. 2008. Tese (Livre-Docência, Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/ Universidade de São Paulo, 2008.
- Di Méo, Guy. (2008). "Pierre George, géographe des sociétés humaines". *Annales de géographie*, Pierre George (1909-2006): un géographe témoin de son temps. Hommage des Annales de Géographie, v. 1, n. 659, pp. 5-10.

- Dresch, Jean. (1986). "Jean Dresch et le Maghreb. Entretien". *Revue de l'Occident musulman et de la Méditerranée, Désert et montagne au Maghreb*, n. 41-42, pp. 19-26.
- Dresch, Jean (1984). "Jean Dresch, géographe humaniste". Entretien. *L'Humanité*. L'actualité. 7 mars.
- Dresch, Jean (1989). "Jean Dresch, la géographie". Entrevista realizada por Jean-François Picard e Elisabeth Pradoura. *Cahiers pour l'histoire du CNRS*, Paris, n. 3, v. 1, pp. 55-69.
- Dupuy, Gabriel (2008). "Pierre George: un géographe à l'ère des techniques". *Annales de géographie*, Pierre George (1909-2006): un géographe témoin de son temps. Hommage des Annales de Géographie, v. 1, n. 659, pp. 22-27.
- Escolar, Marcelo; Moraes, Antonio Carlos Robert (1989). "Pierre George, compromiso político, fragilidad teórica y temática regional". *Anais do II Encontro de Geógrafos da America Latina*, Montevideu.
- George, Pierre (1964). "Problèmes, doctrine et méthode". In: George, Pierre; Guglielmo, Raymond; Kayser, Bernard; Lacoste, Yves. *La géographie active*. 1. ed. Paris: Presses Universitaires de France.
- George, Pierre; Guglielmo, Raymond (1964). "Thèmes d'études de géographie active dans les pays industrialisés". In: George, Pierre; Guglielmo, Raymond; Kayser, Bernard; Lacoste, Yves. *La géographie active*. 1. ed. Paris: Presses Universitaires de France.
- George, Pierre; Guglielmo, Raymond; Kayser, Bernard; Lacoste, Yves (1964). *La géographie active*. 1. Ed. Paris: Presses Universitaires de France.
- George, Pierre; Kayser, Bernard (1964). "Géographie active de la region". In: George, Pierre; Guglielmo, Raymond; Kayser, Bernard; Lacoste, Yves. *La géographie active*. 1. ed. Paris: Presses Universitaires de France.
- Guglielmo, Raymond (2008). "Pierre George, promoteur de la géographie industrielle". *Cahiers de géographie du Québec*, v. 52, n. 146, pp. 255-259.
- Joly, Gérard (2013). *Dictionnaire biographique de géographes français du XXe siècle, aujourd'hui disparus*. Paris: PRODIG.
- Kayser, Bernard. (1964). "Le Précis de géographie rurale de Pierre George". *Annales de Géographie*, t. 73, n. 395, pp. 90- 92.
- Lacoste, Yves (2010). *La géopolitique et le géographe*. Entretiens avec Pascal Lorot. Paris: Choiseul Éditions.
- Lacoste, Yves (1964). "Perspectives de la géographie active en pays sous-développé". In: George, Pierre; Guglielmo, Raymond; Kayser, Bernard; Lacoste, Yves. *La géographie active*. 1. ed. Paris: Presses Universitaires de France.
- Lacoste, Yves (2006). "Pierre George, géographe". *Le Monde*. Disparitions. 18 set. 2006. Disponível em: http://www.lemonde.fr/disparitions/article/2006/09/18/pierre-george-geographe_814165_3382.html.
- Lacoste, Yves (1976). "Pourquoi Hérodote? Crise de la géographie et géographie de la crise". *Hérodote*, Paris, n.1, jan-mar.
- Lacoste, Yves (2012). "Trente-six ans après...". In: Lacoste, Yves. *La géographie, ça sert, d'abord, à faire la guerre*. Paris: La Découverte.
- Machado, Lia Osório (2000). "História do pensamento geográfico no Brasil: elementos para a construção de um programa de pesquisa (entrevista)". *Revista Terra Brasilis*, ano 1, n. 1, jan/jun.

- Mainguet, Monique (2003). "Hommage à Jean Tricart (1920-2003)". *Géomorphologie: relief, processus, environnement*, Paris, jul-set, v. 9, n.3, pp.191-195.
- Manzagol, Claude; Hamelin, Louis-Edmond (2008). "Pierre George (1909-2006), un géant de la géographie: introduction". *Cahiers de géographie du Québec*, v. 52, n. 146, pp. 231-233.
- Moraes, Antonio Carlos Robert (2000). "Entrevista". In: Scarim, Paulo Cesar. *Coetâneos da crítica: uma contribuição ao estudo do movimento de renovação da geografia brasileira*. 2000. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- Moraes, Antonio Carlos Robert (2005). *Geografia: pequena história crítica*. 19 ed. São Paulo: Annablume.
- Moreira, Ruy (2003). "Jean Tricart". *GEOgraphia*, Niterói, v. 5, n. 9, pp. 133-134.
- Oliveira, Arioaldo Umbelino de (1982). "Espaço e Tempo: compreensão materialista dialética". In: Santos, Milton (Org.). *Novos rumos da Geografia Brasileira*. São Paulo: Hucitec, pp. 66-109.
- Oliveira, Arioaldo Umbelino de (1977). "O econômico na obra "Geografia Econômica" de Pierre George: elementos para uma discussão". *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 54, jun/1977, pp. 41-51.
- Ota, Nilton Ken (2016). "A quarta parede do marxismo francês: maio de 68 e a invenção dos dispositivos intelectuais de engajamento". *doisPontos*, Curitiba, São Carlos, v. 13, n. 1, abr., pp. 53-72.
- Pailhé, Joël (1981). "Pierre George, la géographie et le marxisme". *Espaces Temps*, v. 18, n. 20, pp. 19-29.
- Pailhé, Joël (2003). "Références marxistes, empreintes marxiennes, géographie française". *Géocarrefour*, v. 78, n. 1, pp. 55-60.
- Pedrosa, Breno Viotto (2013). "Pierre George, um ilustre desconhecido". *GEOgraphia*, v. 15, 2013, pp. 99-117.
- Pérez Alberti, Augusto (2003). "Jean Tricart, 1920-2003". *Cuaternario y Geomorfología*, Revista de la Sociedad Española de Geomorfología y Asociación Española para el Estudio del Cuaternario, Madrid, v. 17, n. 3-4, pp. 6-8.
- Petrone, Pasquale (1972). "As mudanças recentes da organização do espaço econômico do estado de São Paulo e suas repercussões nos quadros urbanos". *Caderno de Ciências da Terra*, Instituto de Geografia/USP, n. 20.
- Porto-Gonçalves, Carlos Walter (2000). "Entrevista". In: Scarim, Paulo Cesar. *Coetâneos da crítica: uma contribuição ao estudo do movimento de renovação da geografia brasileira*. 2000. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- Pourtier, Roland (2008). "Pierre George et les questions de population". *Annales de géographie*, Pierre George (1909-2006): un géographe témoin de son temps. Hommage des Annales de Géographie, v. 1, n. 659, pp. 14-17.
- Prieto, Gustavo Francisco Teixeira; Verdi, Elisa Favaro (2017). "Jean Dresch, a atualidade de um geógrafo anticolonialista". *Finisterra*, Lisboa, v. 52, pp. 167-170.
- Santos, Milton (1980). "Geografia, marxismo e subdesenvolvimento". *Reflexões sobre a Geografia*. São Paulo: Edições AGB São Paulo.

Verdi, Elisa Favaro (2018). “Pensar radicalmente sob a repressão: a geografia crítica brasileira no contexto da ditadura civil-militar”. *GEOSP Espaço e Tempo* (Online), v. 22, n. 3, pp. 539-558.

Verdi, Elisa Favaro (2016). *Produção geográfica e ruptura crítica: a geografia uspiana entre 1964 e 1985*. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

Verdi, Elisa Favaro (2017). “Yves Lacoste, a geografia do subdesenvolvimento e a reconstrução da geopolítica”, *Terra Brasilis* (Nova Série) [Online], n. 9.

Veyret, Yvette (2008). “Pierre George, pionnier de l’environnement en géographie”. *Annales de géographie*, Pierre George (1909-2006): un géographe témoin de son temps. *Hommage des Annales de Géographie*, v. 1, n. 659, pp. 27-31.

Viellard-Baron, Hervé. (2001). *Les Banlieues*. Des singularités françaises aux réalités mondiales. Paris: Hachette Supérieur.

NOTAS

1. Nascido em Paris no ano de 1909, Pierre George se licenciou em História e Geografia na Sorbonne em 1929, tendo concluído sua *agrégation* em 1930 e defendido a tese de *doctorat d’État* em 1936, sob orientação de André Cholley, intitulada *La région du Bas-Rhône, étude de géographie régionale*. Foi professor no Instituto de Geografia da Paris I entre 1948 e 1977, tendo nesse período lecionado temporariamente em diversas outras universidades ao redor do mundo, principalmente na América Latina: Buenos Aires e La Plata, na Argentina; Valparaíso, no Chile; Caracas, na Venezuela; Cidade do México, no México; e Salvador e São Paulo, no Brasil (Joly, 2013).

2. Corroboramos com Pedrosa (2013: 100), ao argumentar que “Sua [de Pierre George] produção extremamente ampla, que só nos *Annales de Géographie* envolve mais de 650 contribuições, é um fator que dificulta a visão de conjunto de sua obra”. Assim, a proposta deste artigo é debruçar-se mais detidamente sobre uma das obras – *La Géographie Active*, de 1964 –, por ter sido a mais importante para a renovação crítica na Geografia brasileira, conforme nosso argumento.

3. Nessa instituição, Pierre George era incumbido, desde 1938, de realizar a análise das publicações em língua eslava. Por esse motivo, o geógrafo inicia seus estudos de russo, conhecimento que o auxiliará nas diversas pesquisas que empreendeu sobre a União Soviética e os países do leste europeu (Lacoste, 2006; Manzagol e Hamelin, 2008; Pedrosa, 2013). Lacoste (2006) enfatiza que Pierre George era o responsável pelos artigos referentes à União Soviética no periódico da UGI denominado *Bibliographie géographique internationale*.

4. Com 685 publicações traduzidas para mais de quinze línguas, Jean Tricart recebeu um reconhecimento unânime pelas suas contribuições originais na área da Geomorfologia, conforme destacam as homenagens rendidas à ele na ocasião de seu falecimento, em 2003, pelas revistas *Géomorphologie: relief, processus, environnement* (Mainguet, 2003), *Revista Brasileira de Geomorfologia* (Cardoso, 2003) e *Cuaternario y Geomorfología* (Pérez Alberti, 2003). Todavia, impressiona a ausência e ocultamento de sua militância marxista, de seus aportes na produção de uma “geomorfologia marxista” e a importância do materialismo dialético para a fundamentação de uma Geografia Física em articulação direta com a sociedade em tais homenagens, além do apagamento do comprometimento social com a ciência e com a prática que o geógrafo realizou durante sua trajetória. Ressalta-se que a Geografia Física de Jean Tricart inovou com conceitos como geomorfologia dinâmica, morfologia climática, teoria da ecodinâmica e teoria da ecogeografia, que constituem produtos diretos de sua trajetória como intelectual marxista, conforme enfatiza Pailhé (2003). Em uma perspectiva epistemológica, portanto, Tricart deve ser

considerado justamente como o introdutor da dialética nas reflexões da Geografia Física (Moreira, 2003). Nascido no ano de 1920, em Montmorency, realizou sua graduação na Sorbonne e tornou-se *agrégé* de História e Geografia em 1943. Em 1945, Tricart tornou-se professor assistente da prestigiosa cátedra de Cartografia do Instituto de Geografia da Sorbonne depois de ter ficado alguns meses na clandestinidade devido à ocupação nazista na França e à perseguição aos militantes comunistas. Membro do Partido Comunista Francês, era apelidado de *terrorista* por aqueles que consideravam a firmeza de suas convicções marxistas como proselitismo (Bataillon, 2006). No artigo *La géomorphologie et la pensée marxiste* (1953), baseado na *Dialética da Natureza* de Engels, o autor argumenta sobre o caráter nefasto da geomorfologia especulativa e sobre a prática dos geomorfólogos burgueses que consideram a descrição (abstrata) do modelado do relevo como suficiente. Tricart considerava que a geomorfologia era praticada por estes cientistas seguindo o paradigma das ciências ditas puras, efetuando o descolamento da sociedade que ocupa e produz o relevo.

5. Jean Dresch é considerado por Lacoste (2010, 2012) um geógrafo anticolonialista, pensador e militante das lutas anticoloniais no norte da África. Nascido em Paris no ano de 1905, Dresch tornou-se *agrégé* em História e Geografia e, a partir de 1931, instalou-se na África do Norte onde permaneceu por dez anos trabalhando como professor no liceu muçulmano de Rabat, no Marrocos. No período, produziu sua *thèse d'État*, que teve como tema a evolução do relevo do maciço central do Grande Atlas, e se engajou na militância política magrebina. Os trabalhos de campo para a sua pesquisa e com os alunos do liceu tiveram forte impacto na formação de Dresch e ele próprio afirma que nesse momento se deparou com os problemas da colonização francesa (Dresch, 1986). Entre 1931 e 1936, Dresch foi militante do partido socialista marroquino – o único autorizado no protetorado francês – e em 1936 é um dos fundadores do Partido Comunista do Marrocos. Seu posicionamento político de esquerda e de apoio aos movimentos nacionalistas marroquinos são interpelados em 1940, quando a França ocupada pelos nazistas e administrada pelo general Vichy iniciou uma ampla perseguição aos comunistas – tanto na metrópole quanto nas suas colônias. Na ocasião, Dresch recebeu, no Marrocos, uma convocação para ou retornar à França, ou ser enviado ao campo de concentração de Boudnib no Marrocos (Dresch, 1989). Desde o seu retorno à França, em 1941, durante a Segunda Guerra Mundial, participou ativamente da Resistência Francesa e permaneceu crítico à colonização por intermédio de seus trabalhos geográficos. Publicou artigos na área de Geografia Física e textos no periódico *La pensée* do Partido Comunista Francês, ao qual se filiou após seu retorno à França. Na década de 1950 fez visitas e trabalhos de campo pela América Latina, África Central, Oriente Médio, União Soviética e China, redigindo sobre as práticas nefastas do colonialismo. Clerc (2011) afirma que Dresch é o primeiro dentre os geógrafos franceses a tomar uma posição anticolonialista no seio da intelectualidade. Em 1984, dez anos antes de sua morte, em entrevista ao jornal *L'Humanité*, Dresch afirmou que para ele seria “muito difícil ser um bom geógrafo e ser reacionário” (Dresch, 1984). Para mais informações biobibliográficas de Jean Dresch, ver Prieto e Verdi (2017).

6. Pierre George foi filiado ao PCF durante 20 anos: “Tudo mudaria em 1956 com a invasão da Hungria pelo exército soviético com o objetivo de conter as manifestações populares. Vários intelectuais que estavam engajados no partido abandonaram-no, e aqueles que permaneceram logo seriam desafiados pela demora na tomada de decisões, a respeito da guerra da Argélia. George sai em 1956 e inicia um processo gradual de distanciamento do marxismo.” (Pedrosa, 2013: 108). Parece pertinente destacar que, neste trecho, o autor associa diretamente a saída de George do PCF ao seu afastamento do marxismo em geral, enquanto na leitura de Costa (2009), por exemplo, o próprio PCF não apresentava uma coerência interna, homogênea, no que se refere à perspectiva marxista. De acordo com a autora, o marxismo do PCF após a Segunda Guerra Mundial “(...) era ancorado politicamente à União Soviética e teoricamente ao materialismo das ciências naturais” (Costa, 2009: s/p.), havendo com isso grande discordância entre os intelectuais da organização. Ota (2016: 53) define o PCF da época como “um universo extenso e heterogêneo

de práticas e discursos militantes”, o que evidencia que Pierre George estava inserido nesse contexto diverso. Dessa forma, acreditamos que seria cabível analisar com maior profundidade a relação de George com o PCF e os diálogos com outros intelectuais marxistas da época para, finalmente, compreender como isso se desdobra na sua extensa obra ao longo do tempo. Tal tarefa, no entanto, não cabe no escopo deste artigo.

7. Raymond Guglielmo (1923-2011) era licenciado em Geografia e *agregé* em Geografia desde 1952. Não defendeu uma tese de doutorado. Foi professor do ensino secundário, professor-assistente na Universidade de Vincennes, Paris VIII, e militante do Partido Comunista Francês entre 1940 e 1968 (Joly, 2013).

8. Bernard Kayser (1926-2001) licenciou-se em Geografia em 1948, obteve a *agrégation* em 1949 e defendeu seu *doctorat d'État*, sob orientação de Pierre George, em 1958, com uma tese intitulada *Campagnes et Villes de la Côte d'Azur*. Atuou como professor do ensino secundário e da Universidade de Toulouse (Joly, 2013).

9. Tradução nossa, como todas as demais realizadas neste artigo, a partir dos originais analisados durante período de pesquisa na cidade de Paris, em 2015.

10. Para uma análise mais detalhada da questão do subdesenvolvimento na obra de Yves Lacoste, ver Verdi (2017).

11. É pertinente destacar que Pierre George estava em São Paulo na ocasião das revoltas estudantis de maio de 1968 na França. De acordo com Lacoste (2012), Pierre George considerou como extremamente violentas e desnecessárias as atitudes do movimento estudantil na época, opondo-se a este. Segundo Pedrosa (2013), quando retornou à França no segundo semestre de 1968, George teria negado a possibilidade de dialogar e negociar com os estudantes do Instituto de Geografia aspectos da reforma universitária em andamento, preferindo isolar-se em sua casa de campo, o que o teria afastado, definitivamente, de diversos dos seus alunos – entre eles Yves Lacoste – e dos movimentos sociais de esquerda.

RESUMOS

O presente artigo analisa a importância da perspectiva da Geografia ativa e seu principal autor, Pierre George, para o movimento de renovação crítica na Geografia brasileira. A análise da obra *La Géographie Active*, publicada em 1964, evidencia que, ao introduzir pioneiramente alguns conceitos marxistas na discussão geográfica, Pierre George teria empreendido uma conciliação entre a análise regional e o instrumental conceitual do materialismo histórico, discutindo as relações de produção e de trabalho e as forças produtivas em suas manifestações regionais. A busca de Pierre George por uma concepção de totalidade dos processos geográficos demonstraria uma busca pelo movimento dos processos sociais, redefinindo a Geografia como uma ciência das transformações, do movimento, e não das permanências, como aquela de Paul Vidal de La Blache. A partir de tal concepção inovadora, a Geografia ativa se constitui, portanto, como uma referência metodológica fundamental para os geógrafos brasileiros durante as décadas de 1970 e 1980, tornando-se um ponto de partida para o processo radical de ruptura crítica empreendido no Brasil no período.

Este artículo analiza la importancia de la perspectiva de la Geografía activa y su autor principal, Pierre George, para el movimiento de renovación crítica en la Geografía brasileña. El análisis de *La Géographie Active*, publicado en 1964, muestra que, al introducir por primera vez algunos

conceptos marxistas en la discusión geográfica, Pierre George habría emprendido una conciliación entre el análisis regional y el instrumental conceptual del materialismo histórico, discutiendo las relaciones de producción, de trabajo y las fuerzas productivas en sus manifestaciones regionales. La búsqueda de Pierre George de una concepción de la totalidad de los procesos geográficos demostraría una búsqueda del movimiento de los procesos sociales, redefiniendo así la Geografía como una ciencia de transformaciones, de movimientos, no de permanencias, como la de Paul Vidal de La Blache. Desde esta concepción innovadora, la geografía activa es, por lo tanto, una referencia metodológica fundamental para los geógrafos brasileños durante los años 1970 y 1980, convirtiéndose en un punto de partida para el proceso radical de ruptura crítica emprendido en Brasil en el período.

This article analyzes the importance of the perspective of active Geography and its main author, Pierre George, for the critical renewal movement in Brazilian Geography. The analysis of *La Géographie Active*, published in 1964, shows that by using for the first time some Marxist concepts in geographical discussion Pierre George would have undertaken a conciliation between the regional analysis and the conceptual instrumental of historical materialism, discussing the relations of production, labor and the productive forces in their regional manifestations. Pierre George's quest for a conception of totality of geographical processes would demonstrate a quest for the movement of social processes, thus redefining Geography as a science of transformations, of movement, not of permanence, like that of Paul Vidal de La Blache. From this innovative conception, active Geography is therefore a fundamental methodological reference for Brazilian geographers during the 1970s and 1980s, becoming a starting point for the radical process of critical disruption undertaken in Brazil in the period.

Cet article analyse l'importance de la perspective de la Géographie active et de son auteur principal, Pierre George, pour le mouvement de renouveau critique dans la Géographie brésilienne. L'analyse de *La Géographie Active*, publiée en 1964, montre qu'en utilisant des concepts marxistes en discussion géographique, Pierre George aurait entrepris une conciliation entre l'analyse régionale et l'instrumental conceptuel du matérialisme historique, en examinant les rapports de production, de travail et les forces productives dans leurs manifestations régionales. La quête de Pierre George vers une conception de la totalité des processus géographiques démontrerait une recherche vers le mouvement des processus sociaux, redéfinissant ainsi la Géographie en tant que science des transformations, du mouvement et non des permanences, comme celle de Paul Vidal de La Blache. A partir de cette conception novatrice, la Géographie active est donc une référence méthodologique fondamentale pour les géographes brésiliens au cours des années 1970 et 1980, devenant ainsi le point de départ du processus radical de rupture critique entrepris au Brésil dans le période.

ÍNDICE

Índice geográfico: Brasil

Palavras-chave: geografia ativa, ruptura crítica, escola francesa de geografia, geografia crítica

Palabras claves: geografía activa, ruptura crítica, escuela francesa de geografía, geografía crítica

Mots-clés: active geography, critical disruption, French school of geography, critical geography

Índice cronológico: 1960-1980

AUTOR

ELISA FAVARO VERDI

Doutoranda em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo. Mestre e Bacharel pela mesma instituição, com estágio de pesquisa no *Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine* (IHEAL), Paris 3 – Sorbonne Nouvelle.

E-mail: elisa.verdi@usp.br